

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXV – 1996

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

DOI: [https:// dx.doi.org/10.14195/1647-8657_35_14](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_35_14)

ISSN: 0084-9189

Carlos A. Brochado de ALMEIDA, Maria Cláudia MILHAZES e João M. Viana ANTUNES, *Catálogo do Museu Arqueológico de Barcelos*, Serviços de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos, 1991. 130 pp. (formato A4), ilustr.

A introdução, de Brochado de Almeida, bem apoiada por fotografias e gravuras antigas, historia as peripécias por que passou, ao longo dos séculos, o paço condal que é, hoje, sede do Museu Arqueológico, assim como as estruturas urbanísticas envolventes.

Diga-se, desde já, que se trata mais de um museu lapidar que de um museu arqueológico, porquanto aí não vamos encontrar, por exemplo, materiais cerâmicos ou metálicos procedentes das estações arqueológicas do concelho ou o miliário do reinado de Caracala (214 d. C.) a que Hübner se refere (CIL II 4740, ILLER 1809). E se o museu detém, como veremos, interesse para o arqueólogo, será fundamentalmente no âmbito da História da Arte, da Heráldica e da História Local que o seu actual espólio poderá trazer achegas importantes.

Dedica-se uma página a cada elemento estudado, o que permite fácil leitura. Além da foto, geralmente de boa qualidade, caracteriza-se e identifica-se cuidadosamente cada peça: título, descrição, elementos decorativos, dimensões, simbologia, cronologia, observações, material, conservação, proveniência, bibliografia. Talvez esta sequência possa não ser a mais lógica: pessoalmente, poria, por exemplo, a proveniência no início e as observações imediatamente antes da bibliografia. Também a falta de um número de inventário se poderia facilmente ter reparado.

Há, porém, informações preciosas que, por serem dadas com singeleza, poderão passar despercebidas. Assim:

- Na p. 13, referem-se fragmentos de *tegula* cuja proveniência é, “muito possivelmente”, a *villa* romana do Paço de Vila Cova — informação a cotejar com o sítio n.º 1/175 referenciado por Jorge de Alarcão no seu *Roman Portugal* (Warminster, 1988, II/1, p. 9).

- Na p. 15, dá-se conta de uma pedra pertencente ao *podium* de um templo romano. Procede de Martim e a esse edifício alude Jorge de Alarcão sob o n.º 1/233 da obra citada. Aliás, também daí provém a base de coluna descrita na página seguinte.

- Do capitel toscano (p. 17) datável da época tardo-romana não se indica a proveniência (desconhecida?).

- No portão da casa conventual de Chavão (p. 66), datável dos séculos XVI/XVII, está uma inscrição em português, relativa ao seu construtor. Do monumento há bibliografia e talvez não tivesse sido desinteressante que as observações contivessem também a interpretação da epígrafe (como se fez, mais adiante, na p. 74, em relação ao arcaz de Santa Eugênia, de 1284).

- Interessou-me o machado estilizado que figura na tampa de sepultura da igreja matriz (p. 85); não nego que se trate dum símbolo de ofício, mas é flagrante a sua configuração com a das áscias das sepulturas romanas.

- Parece não ter sido ainda estudada em pormenor a inscrição de 1550

gravada, em caracteres góticos, noutra tampa de sepultura, procedente também da matriz, referente a Isabel de Oliveira (p. 86) — cá está um dos exemplos a sabiamente aproveitar numa correlação íntima da Arqueologia e da História da Arte com a História Local. O mesmo se dirá das tampas referidas nas pp. 89, 90 e 91.

- Realce-se a representação iconográfica setecentista (p. 102) da tradicional lenda do galo de Barcelos, assim como as várias placas, datadas de 1596, procedentes da primitiva igreja da Misericórdia, cujo conjunto formaria o versículo, em Latim, dum salmo bíblico: “(•••) de geração em geração para aqueles que O temem”.

- Destaque-se, ainda, a curiosidade da existência de um eventual grelhador (de grauaque) — p. 110; dos blocos da conduta de água (p. 119); e dos marcos delimitatórios de propriedades, nomeadamente da Casa de Bragança (pp. 121, 122 e 123).

Com divulgação, por vezes, exclusivamente local, livros como este acabam por esgotar-se sem que lhes seja dada a devida importância. Mas eles constituem, como se vê, fértil manancial informativo, a nunca desperdiçar.